

## A SOCIEDADE GLOBAL E SUAS MÚLTIPLAS FACES

*Fernando Oliveira Noal*

Com uma velocidade assustadora, o processo de globalização adentrou a década de 80, alterando a tranqüilidade político-administrativa dos estados nacionais consolidados secularmente por meio de transformações econômicas, ideológicas e de estratégia que redesenharam a divisão internacional do trabalho e do poder.

Com a chegada dos anos 90 e a consolidação desse processo globalizante, consolidou-se também a sua face contraditória que, por um lado, suprime fronteiras, dinamiza os mercados e padroniza o consumo em nome da busca incessante da modernidade e, por outro, exclui enormes contingentes da população da possibilidade de desvendar o devir e a própria liberdade e segrega muitos países mediante o desemprego estrutural, da exaustão dos investimentos em infra-estrutura básica e do processo de homogeneização cultural.

Um dos principais desafios em relação ao processo de globalização é o de buscar explicação, dentro de uma perspectiva cosmopolita, das faces e interfaces dos desdobramentos desse fenômeno para poder fazer uma vinculação com os seus reflexos, buscando, desta forma, a compreensão da complexidade do fenômeno em questão por intermédio da análise das transformações globais, principalmente na esfera social, mas também, não se perdendo de vista as especificidades locais e regionais.

Parece claro, nesse processo, a utilização como objeto de análise de duas categorias de relações no processo social: a relação indivíduo/sociedade e a relação indivíduo/natureza. Essas relações encontram-se permeadas pela lógica do consumismo e do utilitarismo que privatizam as possibilidades da auto-realização e transferem as realizações interpessoais para as realizações entre pessoas e objetos.

Nesse embate, entre vencedores e perdedores, fica claro que a globalização econômica suscitou maior prosperidade para alguns países, assim como agravou os contrastes sociais em, praticamente, todos os países, desde os centrais até os periféricos.

---

\* Mestrando em Desenvolvimento Regional na UNISC.

Segundo Latouche (1994, pp. 86) “o homem do ‘sul’ é ocidentalizado por seus desejos, por suas referências imaginárias, pela impregnação da cidade e dos seus modelos de consumo do centro em seu cotidiano. É mendigo por sua realidade mais concreta, seu profundo desenraizamento, seu nível de vida miserável na favela. Se a industrialização não consegue ocidentalizar a quantidade consumida, ela realiza admiravelmente a urbanização, a ‘terceirização’ e a burocratização da pseudo-sociedade”.

Kurz (1992, pp. 23-24) chega a afirmar que a maioria da população mundial contemporânea é consistida em sujeitos-dinheiro, sem dinheiro, em pessoas que não se encaixam em nenhuma forma de organização social nem na pré-capitalista, nem na capitalista e muito menos na pós-capitalista, sendo forçadas a viver num “leprosário social” que já compreende a maior parte do planeta.

Resguardada a opinião pessoal, essa afirmação está perfeitamente adequada com a realidade, pois o aumento da pobreza, e a existência de formas tradicionais de subsistência, revelam a contradição da globalização que em nome da integração e da aproximação dos povos, afasta cada vez mais, enormes contingentes populacionais do consumo básico.

Essa face perversa da ideologia global consumista vitima duplamente as massas populacionais da periferia, pois priva do consumo efetivo e aprisiona no desejo do consumo, isto é, reduz o consumo ao desejo do consumo. Esse aspecto da globalização da ideologia consumista é ocultado, pois o único consumo que essa ideologia permite é o consumo dela própria (a ideologia).

Em um contexto de organização societária pós-moderno e capitalista, Valença (1991:148) considera que se pode apreender, na pluralidade, a predominância de um axioma do fascínio pelo lucro de um lado, e o do consumo por outro, sendo que em torno desses objetivos aperfeiçoam-se as técnicas publicitárias invasoras e massificantes que possibilitam o consumo, ainda que por uma única via: a propriedade do capital.

Santos (1995, pp. 320) considera que “essa ideologia é verdadeiramente um constelação de ideologias na qual se incluem a perda da auto-estima pela subjetividade não-alienada pelas mercadorias, a deslegitimação dos produtos e dos processos tradicionais de satisfação” das necessidades, o privatismo e o desinteresse pelas formas de solidariedade e de ajuda mútua ou o seu uso instrumentalista... o capitalismo é hoje menos um modo de produção que um modo de vida... o individualismo e o consumismo transferiram para a esfera privada a equação entre interesse e capacidade. É nessa esfera que hoje os indivíduos identificam melhor os seus interesses e as capacidades para lhes dar satisfação”.

Outro aspecto importante da globalização é o acirramento da questão de gênero que se dá paralelamente ou em conseqüência da proletarização da família por meio da diminuição da renda familiar e o conseqüente impacto no espaço-tempo doméstico, que na maioria das vezes, é exercitado pelas mulheres. Segundo Santos (1995 pp. 304), “a crescente internacionalização do capital contribui por uma outra via para a transferência, para o espaço-tempo da produção, da dominação patriarcal organizada no espaço tempo-doméstico”. Um dos exemplos mais marcantes é o da prostituição e do turismo sexual, de que é principal cliente a classe executiva internacional, na qual, em países como Filipinas e Tailândia o número de empregos registrados oficialmente nessas áreas chega a 100.000 e 700.000 respectivamente.

Outra forma de transformação da relação espaço-tempo doméstico é a maior emancipação da mulher que, associada à diminuição da renda familiar, é um dos fatores que propicia a sua entrada no mercado de trabalho, agravando a sua desigualdade, pois ao assumir o seu papel no espaço-tempo da produção ela não foi dispensada de suas tradicionais atribuições no espaço-tempo doméstico. Ainda sobre a questão do trabalho feminino, o estudo de Juliet Schor, segundo Santos (1995 pp. 308), demonstra que a jornada dos trabalhadores americanos tem aumentado, ao invés de diminuir como afirmam diversos pesquisadores dos sindicatos e da sociologia do trabalho. O principal fator parece estar associado a compulsão ao consumo, que gera o círculo vicioso trabalhar-ganhar-consumir-gastar, e que vitima, de forma radical, mais as mulheres do que os homens, pois suas conclusões apontam para uma média de 163 horas trabalhadas em 1987 a mais que em 1969, sendo que esse aumento não foi distribuído equitativamente. Nos trabalhadores masculinos o número de horas a mais foi em média de 98 e nas trabalhadoras mulheres o aumento médio do número de horas foi de 305.

### Metáforas da globalização

Globalização, Mercado Global, Mundialização, Mundo Globalizado. Essas são expressões que fazem parte do vocabulário das diferentes nações, não importando o idioma que falem, nem tampouco a região do planeta terra a que pertençam.

Uma peça de vestuário qualquer, assim como uma par de sapatos ou de tênis, pode ser montado com componentes feitos a milhares de quilômetros de distância um do outro. Esse mesmo produto pode vir a ser consumido a outros tantos milhares de quilômetros de distância por alguém que, na maioria

das vezes, nem sequer imagina como isto ocorre e muito menos as implicações que dessa teia decorrem.

A simples e, aparentemente, ingênua descoberta de uma nova substância química numa região do planeta, pode ter profunda repercussão sobre, por exemplo, uma floresta ou um outro ecossistema da América do Sul ou da África.

Um exemplo desse entrelaçamento é mostrado por Levy (1993 pp.192, 193) quando analisa a descoberta (de forma artificial) nos Estados Unidos, de um hormônio, mediante a biotecnologia, que estimula a lactação de vacas leiteiras. Após o convencimento dos fazendeiros nos Estados Unidos, era preciso convencer os seus colegas europeus a também usarem este hormônio nas suas criações e que, agora, era chamado de "proteína".

Ocorre, porém, um obstáculo importante: na Europa e mais precisamente na França, existe, neste momento, uma superprodução de leite. Então, como vender algo que iria estimular ainda mais a produção do que já existe em excesso?

Então surgiu a proposta de redução do número de vacas leiteiras com a condição de que fosse incrementada a produção individual delas. Porém, esse aumento na produção individual só poderia acontecer se fosse fornecida às vacas uma alimentação mais rica que as pastagens da Normandia e da Charente. Esses animais requerem, portanto, alimentos especiais produzidos a partir de cereais como a soja, por exemplo, que é produzida em alguns países como o Brasil ou algum outro da África.

Vários questionamentos podem ser feitos a partir dessa situação, por exemplo: como ficarão as pastagens abandonadas na Normandia ou em Charente?; que espécies desaparecerão ou surgirão?; como se desenvolverá a monocultura da soja no Brasil e nos outros países que irão produzir e oferecer essa matéria-prima?; que culturas de subsistência serão abandonadas?; quantas florestas nativas serão destruídas? Esses são alguns desdobramentos possíveis desta "singela" descoberta feita em um laboratório do nosso mundo globalizado.

O autor, ao final, faz uma inquietante pergunta: em que lugar, em que terreno, essas associações são tramadas ou resolvidas? Conclui que não é apenas na sociedade. Essas manobras e decisões, que envolvem homens ou coisas, pequenas ou grandes paisagens, ecossistemas, se dão em um lugar metassocial, chamado Terra.

## A ESPERA DOS BÁRBAROS

(Konstantinos Kaváfis)

O que esperamos na ágora reunidos?  
É que os bárbaros chegam hoje.  
Por que tanta apatia no senado?  
Os senadores não legislam mais?  
É que os bárbaros chegam hoje.  
Que leis hão de fazer os senadores?  
Os bárbaros que chegam as farão.  
Por que o imperador se ergueu tão cedo  
e de coroa solene se assentou  
em seu trono, à porta magna da cidade?  
É que os bárbaros chegam hoje.  
O nosso imperador conta saudar  
o chefe deles. Tem pronto para dar-lhe  
um pergaminho no qual estão escritos  
muitos nomes e títulos.  
Por que hoje os dois cônsules e os pretores  
usam togas de púrpura, bordadas,  
e pulseiras com grandes ametistas  
e anéis com tais brilhantes e esmeraldas?  
Por que hoje empunham bastões tão preciosos,  
de ouro e prata finalmente cravejados?  
É que os bárbaros chegam hoje,  
tais coisas os deslumbram.  
Por que não vêm os dignos oradores  
derramar o seu verbo como sempre?  
É que os bárbaros chegam hoje  
e aborrecem arengas, eloqüências.  
Por que subitamente esta inquietude?  
(que seriedade nas fisionomias!)  
Por que tão rápido as ruas se esvaziam  
e todos voltam para casa preocupados?  
Porque é já noite, os bárbaros não vêm  
e gente recém-chegada das fronteiras  
diz que não há mais bárbaros.  
Sem bárbaros o que será de nós?  
Ah! eles eram uma solução.

Esse poema foi escrito há bastante tempo, no entanto, muito dele poderia ser escrito hoje e estar dentro da mais completa harmonia com a atualidade, em perfeita consonância com muito daquilo que hoje vive o planeta Terra.

Parece-nos que uma parte da sociedade hoje comporta-se como os cônsules e os pretores do poema que simplesmente esperam resignados a chegada dos bárbaros para os saquearem, numa atitude de aceitação, de passividade como se mais nada restasse a fazer senão esperar, pois tudo já foi dito, tudo já foi decidido, e o que ocorrerá não pode mais ser alterado, resta fazer o jogo de quem dá as cartas, como se os signos delas já fossem conhecidos, por quem as distribui.

Não há como olhar o mundo moderno, sem reconhecer suas imensas desigualdades e paradoxos.

Fugir a essa constatação seria como aquele caminhante noturno de Gramsci que ao sentir medo do escuro assovia. Ele pode até espantar o medo com seu assovio, no entanto, não torna a noite menos escura.

Certamente as fronteiras de que o poema fala, são, hoje, muito diferentes, talvez até não mais existam, pelo menos com os sentidos que a palavra fronteira tinha no poema, e não precisa mais que viajantes venham nos dizer que os bárbaros não mais se aproximam. Quanto a isso cabem algumas perguntas:

- Não existem mais bárbaros?
- Não existem mais fronteiras?

Responde-se para a primeira pergunta que talvez os bárbaros sejamos nós mesmos e para a segunda pergunta dir-se-á que as fronteiras existem ainda, porém, elas são menos físicas e mais subjetivas e culturais.

Muitos são os exemplos do esgarçamento das fronteiras tradicionais e até mesmo da sua eliminação.

Parece muito oportuna uma frase dita pelo Prefeito de Filadélfia nos Estados Unidos, na década de 60, no auge dos movimentos da revolta dos guetos negros: "A partir de agora as fronteiras do Estado passam pelo interior das cidades" (VIRÍLIO, 1993: 99). Essa frase ou desabafo do Prefeito de Filadélfia reflete muito mais que uma tentativa de explicar ou entender o fenômeno da revolta dos cidadãos negros norte-americanos contra a discriminação racial, ela remete para a reflexão sobre um fenômeno muito mais abrangente, um fenômeno que passa a ser global, passa a ser planetário.

Esse fenômeno é o mesmo que se representa pela conclusão do muro de Berlim em 13 de Agosto de 1961, cortando ao meio a capital da Alemanha entre os setores leste e oeste, ou Beirute, ou a Faixa de Gasa ou cidades onde uma faixa pintada na rua separava um setor do outro conforme sua opção religiosa.

Este fenômeno nos remete para a constatação de que as fronteiras físicas que poderiam ser estabelecidas antes, até mesmo no interior das cidades, hoje já não podem ser demarcadas, às vezes, até mesmo entre países ou continentes. Parece que começa a surgir um outro tipo de fronteira, que é estabelecida segundo novos critérios, novos valores e novas formas de poder.

Arrisca-se a afirmar que para a idéia de fronteira continuar, é preciso pensar que essas são determinadas, muito mais, por valores e disputas culturais e econômicas, que por questões geográficas.

O mundo, hoje, vive um processo violenta e paradoxalmente interativo, no sentido de que é possível não só ver e saber o que está a acontecer a milhares de quilômetros de distância mediante os meios modernos de comunicações interpessoais e internacionais como se pode viajar em grande velocidade de um local a outro com as facilidades e de uma forma jamais imaginada até mesmo no passado recente. Como nos fala Virílio:

*"A inércia tende a renovar a antiga sedentariedade. Com os meios de comunicação instantâneos (satélite, TV, cabos de fibra ótica, telemática, etc...) a chegada suplanta a partida: tudo "chega" sem que seja preciso partir" (VIRÍLIO, 1993:7).*

Também violentamente interativo no sentido de que uma atitude local pode ter uma repercussão planetária, disso se pode citar inúmeros exemplos concretos tais como, ações econômicas ou militares, na medida em que o homem já, há algum tempo, demonstrou a capacidade de destruir o Planeta (talvez tenha sido marcante o ato de lançamento das bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagazaky no final da Segunda Guerra Mundial). No campo econômico, talvez, seja onde esta interação se manifesta da forma mais violenta e, talvez, aí também o aspecto mais paradoxal.

Um mundo capaz de conviver com o dado de que um quinto da humanidade consome 75% de tudo o que é produzido no planeta, enquanto o restante consome os outros 25%, realmente é um mundo, paradoxalmente, composto por bárbaros na sua maioria, daí a resposta àquela pergunta inicial sobre a existência ou não dos bárbaros no mundo moderno, e quem são eles.

Um mundo que não só produz uma imensa quantidade de produtos, como os produz em imensa diversidade, já que cada vez mais o consumo requer um grau maior de especificidades, também a qualidade desses produtos passa a ser fator de delimitação entre quem os produz e, em consequência, entre quem os consome, pois assim como se tem cidadãos de várias categorias, tem-

se também produtos e consumidores de categorias diferentes.

Muitas questões estão indefinidas, muitas são as perplexidades e paradoxos, enormes são as angústias, e cotidianas são as extinções, não só de seres vivos como também a extinção de valores. Porém, entre tantas incertezas, aparece uma situação bem clara: o mundo, hoje, é uma imensa comunidade que se comunica de forma polifônica.

Comunicação, às vezes, extremamente perversa e desigual, mas ela é real e é com essa comunidade planetária que o homem terá que relacionar-se daqui para a frente. Aqui, fica explícito o contraponto aos personagens do poema "A espera dos bárbaros". Há que agir, há que sair da espera, há que abandonar a passividade, a aceitação da vitória daqueles que dão ou até agora deram as "cartas para o jogo".

Se muitos equívocos graves foram cometidos, se muitos paradigmas estão superados, há que reconstruir, há que reinventar o pensamento, como fala Dostoiewsky: "O único pensamento que sobrevive é aquele que se mantém à temperatura da sua própria ebulição" (in MORIN, 1992:13).

O fato de alguns pensadores terem feito de seus paradigmas verdades definitivas, certamente contribuiu, decisivamente, para a crise deles mesmos, que ora se apresenta, dando margem para propostas do tipo "tudo já foi dito" nada mais há a fazer.

O fato de viver-se em um mundo tão veloz, manifesta-se desde os grandes temas, os grandes acontecimentos, como as guerras modernas do tipo guerra do Golfo que foi transmitida ao vivo para todo o mundo, até as ações mais cotidianas de um camponês, como relata Paul Virílio em seu livro "A Inércia Polar":

*"Já com a eletrificação das cidades e do campo (na França) ao longo dos anos 30, a luz elétrica havia provocado reações curiosas nas pessoas acostumadas ao candeeiro a petróleo. O mais engraçado é que, quando carregado no interruptor a luz se acende atrás de mim"* (VIRILIO, 1993:80).

Acostumado a acender a luz das velas e do candeeiro e levá-la até a mesa, a camponesa surpreende-se, não com a melhoria da luminosidade, mas sim com o próprio gesto de acender e com a gestualidade corporal de quem acende e leva consigo a luz.

Com esse exemplo, busca-se mais uma vez deixar bem claro o que parece ser mais um paradoxo da modernidade, no qual há a presença da mais refinada tecnologia convivendo com manifestações simples de percepção do mundo cotidiano mediante a construção cultural dos sujeitos sociais.

Passamos agora para a discussão sobre as possibilidades da reinvenção, de que falamos anteriormente.

Acredita-se que existem possibilidades diferenciadas para a humanidade, possibilidades que vão da barbárie até a humanização do planeta.

*"Creio que estamos em uma época onde há uma ofensiva formidável de esforços concentrados na prosa, esforços anônimos, gelados, técnicos e desumanos. A esta ofensiva de esforços da prosa, devemos responder com uma ofensiva de esforços da poesia e eu digo sempre que nós sabemos este estado de poesia, porque sentimos em nós este estado de alegria, de êxtase, vizinho da emoção, das lágrimas, quase no limite da mística. É um estado que é preciso considerar quando se fala dos homens. Deve-se pensar também nesta finalidade poética"* (MORIN, 1992:13).

Nesse fragmento, Morin compara a prosa, a técnica e a poesia à emoção do lúdico, a alegria. Esta contraposição é uma tentativa de resgatar na sociedade moderna um pouco daqueles valores em vias de extinção, extinção essa muito ligada à visão mecânica da ciência, essa crença inabalável na possibilidade de progresso ilimitado e a qualquer preço.

Visão de mundo que norteou a humanidade, principalmente neste século, chamado de século ou período das luzes. E aqui cabe ressaltar que essa certeza na infalibilidade da ciência em busca do tão almejado progresso foi norteador, tanto do mundo dito capitalista, quanto do mundo dito socialista ou comunista.

A idolatria a uma ciência mecanicista chegou a tal ponto que permitiu aos físicos japoneses parabenizarem os físicos norte-americanos pela eficácia das bombas de Hiroshima e Nagasaki (SÁBATO, 1993:15).

Parece até que o homem lutou tanto para acabar com a idéia de um Deus extraterreno, combateu com tanta eficácia e veemência a bruxaria e o misticismo de um período obscuro para cair na criação de um outro "Deus", tão cego e perverso quanto o obscurantismo inquisicional, na medida em que passou a confiar cegamente na ciência moderna e "verdadeira" do homem como a panacéia para todos os problemas da humanidade.

Essas últimas considerações feitas não o são no sentido de desconsiderar os avanços da ciência e da tecnologia, já que se acredita que a ciência e a tecnologia têm um papel decisivo no futuro da humanidade, porém, a elas não

pode ser creditado o dever de salvação da humanidade

Pretende-se, ainda, a seguir, fazer uma reflexão sobre uma questão chave do processo de globalização que hoje vivemos.

### O mundo globalizado e a relação homem/ambiente

Esta questão que consideramos ser da maior relevância é a questão ambiental. Como nos diz Boaventura de Souza Santos (1995,296):

*“De todos os problemas enfrentados pelo sistema mundial, a degradação ambiental é talvez o mais intrinsecamente transnacional e, portanto aquele que, consoante o modo como for enfrentado, tanto pode redundar num conflito global entre o norte e o sul, como pode ser a plataforma para um exercício de solidariedade transnacional e intergeracional”.*

Para Santos, tanto pode-se ter um conflito planetário (norte-sul) como um ponto de partida para a construção de alternativas de solidariedade. No entanto, assim como a barbárie não pode ser descartada, também nada nos garante que a solidariedade irá prevalecer.

Os interesses em jogo são muito grandes em uma economia globalizada. Ninguém está disposto a abrir mão de uma ínfima parte sequer de sua parcela de lucro, até porque não se pode esquecer que a sociedade em que vivemos hoje é regida pela “ética do lucro”, do “progresso sem limites e a qualquer preço”.

Os hábitos poluidores não são privilégio desta ou daquela nação, nem são exclusivos do mundo desenvolvido ou do mundo subdesenvolvido. Obviamente, que se apresentam de formas e até mesmo intensidades diferentes nos vários países do mundo.

O consumo de um cidadão em alguns países desenvolvidos chega a ser, em alguns itens, mais de vinte vezes superior ao consumo de um habitante do mundo subdesenvolvido.

Sabe-se, hoje, que 25% da humanidade consome, aproximadamente, 75% de tudo o que é produzido no planeta. O consumo de combustíveis fósseis por exemplo é uma amostra da discrepância nos níveis de consumo. Os habitantes dos Estados Unidos representam cerca de 5% da população mundial e, no entanto, consomem 30% da energia mundial. A grande parte da população dos países subdesenvolvidos consome não mais que 10% da energia

produzida mundialmente. O cidadão norte-americano chega a consumir três vezes mais energia, hoje, em relação ao seu conterrâneo de 1900 (PONTING, 1995:469).

Enquanto isso, no terceiro mundo, a madeira ainda é fonte de energia muito importante. Cerca da metade da população mundial ainda continua dependendo da energia gerada pela queima da madeira, sendo que isso representa um número superior a dois e meio bilhões de pessoas. Também são utilizados a queima de resíduos de colheitas e a tração animal (PONTING, 1995:470).

Nas últimas décadas, o crescimento populacional nesses países começou a exercer uma forte pressão sobre essas fontes de energia, principalmente a madeira, pois seu uso intensivo tem levado a agravar o desflorestamento e com isso, um conjunto de aspectos bastante conhecidos no sentido da degradação do ambiente.

Esse fato tem levado os países do terceiro mundo a fazerem um movimento em busca de energia, semelhante ao feito pelos países do primeiro mundo, ou seja, a busca de outras fontes de energia, entre elas os combustíveis fósseis.

Constata-se que, embora já exista uma discussão em andamento sobre os problemas ambientais, quando analisa-se as atitudes frente às crises as saídas são, na maioria das vezes, cópias de modelos que já se mostram em exaustão, como o exemplo citado das fontes de energia.

O mundo industrializado continua dependendo de energia de fontes não renováveis e, além disso, tratando essas fontes como se elas fossem inesgotáveis (PONTING, 1995:472).

Se, ao invés de analisar-se a produção de energia para mover a sociedade industrial, olhar-se a situação do solo usado na agricultura, pode-se constatar que a situação não é nada animadora para as décadas futuras. Ver-se-á também que à medida em que se agravam as crises nos países desenvolvidos, as soluções são buscadas nos campos e florestas dos países subdesenvolvidos.

No curto período de 30 anos (1950/1980) a produção de alimentos no mundo industrializado mais que dobrou, porém, às custas da utilização, em larga escala, de fertilizantes químicos, agrotóxicos e maquinaria pesada. Com isso, passou-se a tratar o solo não mais como um organismo vivo e sim como um meio de manter sempre crescente a produção agrícola que, cada vez mais, é vista como apenas um negócio e não um relacionamento do homem com a terra e outros animais (PONTING, 1995:399). Se no ano de 1920 a Inglaterra usava 50000 t./ano de fertilizantes a base de nitrogênio, 50 anos mais tarde eram usados 1 milhão de toneladas/ano.

Outro fator marcante é o movimento em direção a uma única colheita, bem como a diminuição do número de fazendas de caráter misto de produção. Com isso, aumentou-se a necessidade de uso de pesticidas e herbicidas químicos nas propriedades rurais (PONTING, 1995:399).

Essas mudanças, no perfil do sistema produtivo primário, são seladas definitivamente com o que ficou conhecido como "Revolução Verde".

Esse modelo é baseado na introdução de variedades altamente produtivas de cereais (arroz nas Filipinas, trigo no México, soja no Brasil, etc.) Houve um grande aumento na produtividade dessas culturas logo no início, o que difundiu a idéia de que a fome e a miséria do terceiro mundo estavam com os seus dias contados. Como se pode perceber, isso foi um grande engodo.

Observou-se que, para o terceiro mundo, o impacto foi desastroso e esse desastre está evidente na degradação ambiental decorrente das técnicas utilizadas e no uso indiscriminado de grandes quantidades de insumos químicos (PONTING, 1995:406).

A produção de alimentos, no terceiro mundo, aumentou entre 30 a 50% somente durante as décadas de 60 e 70. No entanto, a distribuição dos lucros obtidos não foi equitativa, até porque como diz Lutzemberger: "existem aqueles que produzem alimentos e outros que somente se preocupam em produzir dinheiro", sendo exemplo desses últimos a maioria das grandes monoculturas, como a soja que é vendida para os países desenvolvidos, da Europa principalmente, onde é transformada em ração animal, deixando um rastro de desertificações e perdas de solos nos países produtores.

Em 1991, foi feito um apelo aos presidentes de países da América Latina denunciando-se que, no ritmo atual, até o ano 2000, 75% da floresta tropical deste continente estará totalmente destruída, perdendo-se, entre outras coisas, cerca de 50% das espécies existentes nesse ecossistema (SANTOS, 1995:297).

Tentou-se passar a idéia de que as novas formas de comércio que integrariam o mundo moderno e seus diferentes países, iriam gerar abundância e suntuosidade para todos. Hoje, observa-se o contrário, pois o que aumentou foi a fome, a miséria humana e os contrastes sociais em quase todos os países.

A humanidade deste fim de século está frente ao paradoxo de um mundo globalizado, integrado pelo comércio, pelas telecomunicações de todos os tipos e, por outro lado, um homem fragmentado e uma sociedade internacional de consumidores, desintegrada. Caminha-se para um primeiro mundo internacional de ricos e um enorme gulag internacional de pobres (BUARQUE, 1995:33).

O que se tentou mostrar, falando sobre apenas dois itens que compõem a pluralidade da temática ambiental (energia e uso do solo) e sua relação com



a globalização, é que existe uma interdependência muito forte entre esses novos agenciamentos que envolvem hoje, o planeta.

Os desequilíbrios ambientais têm amplas e profundas raízes, tão diversificadas que possuem desde causas religiosas e culturais (exemplo histórico ocorrido na ilha de Páscoa que quase a levou à desertificação) até causas econômicas e políticas da civilização moderna (como o exemplo da exploração das ilhas Ocean Island e Nauru, pelos ingleses no Pacífico, em busca de fosfato para suas indústrias de adubo) (PONTING, 1995:354).

### Conclusão

Acredita-se ter abordado alguns pontos importantes em relação ao momento contemporâneo e ao processo de planetarização das relações nos diferentes setores da vida no planeta. No entanto, tem-se consciência da limitação desse estudo, tanto pela complexidade do tema, pela inter-relação que fica clara entre os diferentes eventos, como pela emergência recente desse assunto nas discussões, principalmente no meio acadêmico.

Pode-se dizer que se está como que "tateando" em um campo novo e que muito tem de desconhecido.

Essa carência de discussão, longe de levar a uma paralisação, precisa servir como estímulo, como indução ao desafio, pois são urgentes as respostas que a sociedade necessita, tendo em vista que a gravidade dos problemas é notória.

Como se pode constatar, são problemas inter-relacionais e complexos que, para serem solucionados, exigem um esforço conjunto não só de indivíduos, mas um esforço transnacional.

Esse esforço para o seu enfrentamento somente será vitorioso, se se apostar em uma aliança entre os desejos de todos aqueles que acreditam na possibilidade de uma alternativa de construção solidária em contraposição às saídas por vias solitárias a partir de um único sistema, com um único modelo explicativo. Essa aliança precisa ser de um novo tipo, não no sentido de combate, e sim no sentido do diálogo, por mais difícil que isso possa parecer.

## BIBLIOGRAFIA

- BUARQUE, Cristóvam. *A desordem do progresso*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.
- FIORI, José Luis. Globalização, estados nacionais e políticas públicas. *Revista Ciência Hoje*, vol. 16, nº 96.
- IANNI, Octávio. *Teorias da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- KURZ, Robert. *O colapso da modernização*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- LATOUCHE, Serge. *A ocidentalização do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro: 34, 1994.
- LUTZEMBERGER, José. Crítica política da tecnologia. *Revista Ciência e Ambiente*, ano IV, nº 6.
- MORIN, Edgar. *Para sair do século XX*. Espanha: Kairos, 1992.
- ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- PONTING, Clive. *Uma história verde do mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- SÁBATO, Ernesto. *Homens e engrenagens*. Campinas: Papirus, 1993.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela mão de Alice*. São Paulo: Cortez, 1995.
- SANTOS, Milton. *Técnica Espaço Tempo*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SERRES, Michel. *Contrato natural*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- VALENÇA, Ana Maria M. O discurso da paixão. *Revista Humanidades*, v. 7, nº 2, 1991.
- VIRÍLIO, Paul. *A inércia polar*. Portugal: Dom Quixote, 1993.

Impressão

EDITORA  
**Pallotti** IMAGEM  
DE QUALIDADE  
SANTA MARIA - RS - FONE: 222.3050

Com filmes fornecidos